

Arruda condiciona a sua renúncia à decisão de ACM

ANA MARIA CAMPOS

BRASÍLIA – O destino político do senador José Roberto Arruda (sem partido-DF) está nas mãos do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA). Se o caci-que baiano renunciar ao seu mandato, o ex-líder do governo não terá outra saída a não ser seguir o mesmo caminho.

A avaliação é feita por dois amigos do senador do Distrito Federal a quem ele tem feito desabafos nas últimas semanas. "Se ele renunciar, eu renuncio", disse Arruda nessas conversas. A um deles, Arruda confidenciou que já tem em mente a sua carta de renúncia. Mas vai guardá-la até o último minuto porque ainda tem um fio de esperança de se livrar da " pena capital".

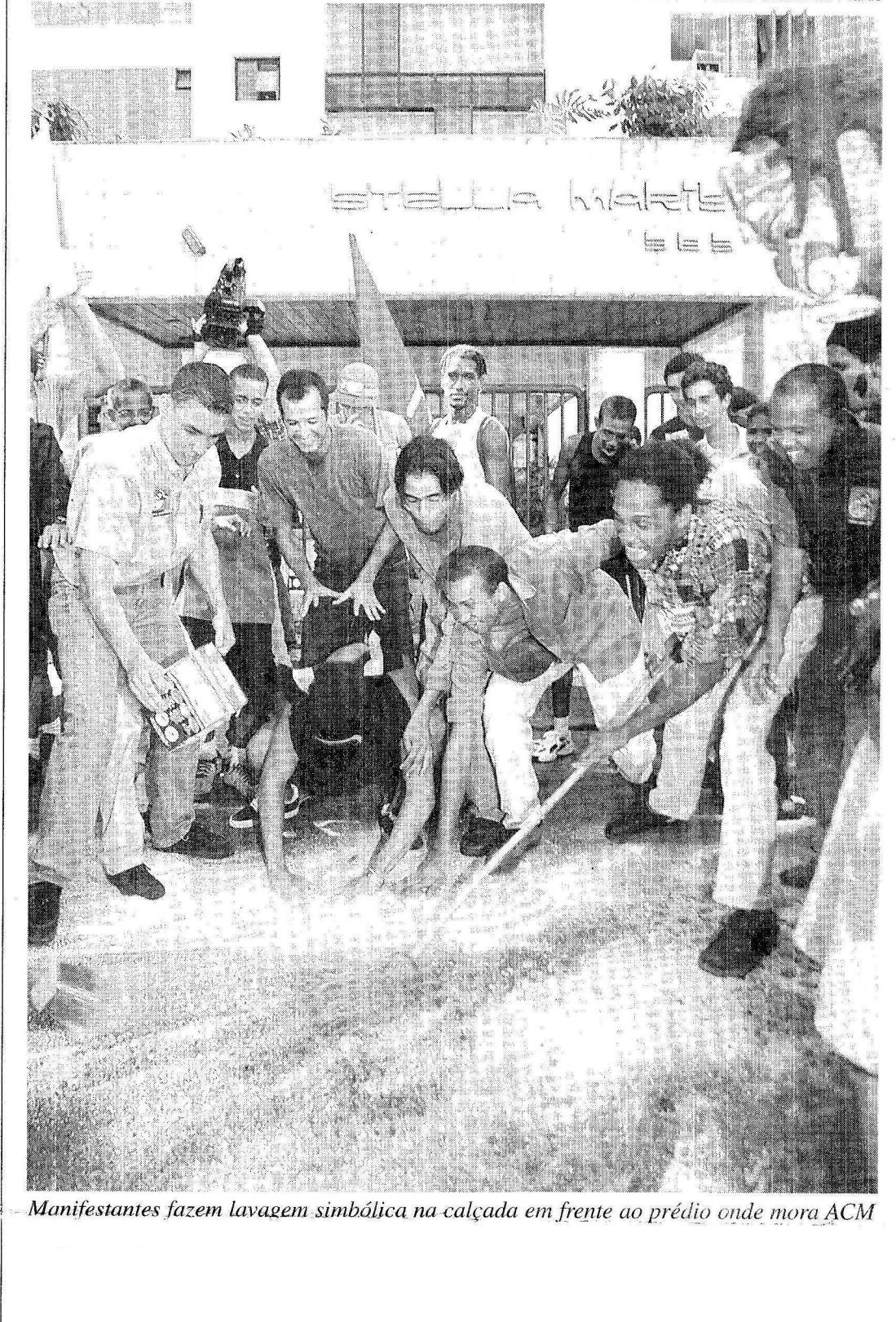
Ele ainda acredita que qualquer manobra a favor do senador baiano poderá favorecê-lo ou pelo menos esticar ao máximo o seu mandato. Por isso, Arruda tem acompanhado todos os passos de Antônio Carlos Magalhães. Os dois têm se mantido à distância, mas se comunicam por meio de interlocutores. Foi desta forma que Arruda tomou conhecimento, quarta-feira de manhã, de que ACM havia desmentido a sua própria entrevista à TV Globo em que reconhecia a possibilidade de renúncia.

Aliviado com o gesto de ACM, Arruda passou a contar com um prazo para tentar expor à exaustão os argumentos de que "não roubou, não matou e não se envolveu em casos de corrupção". Por enquanto, Arruda ainda conta com a força política de ACM em suas últimas tentativas de se livrar da cassação. No corpo-a-corpo no Senado, ele tem sustentado que a sua pena pelo envolvimento no episódio tem que ser a mesma do senador Antônio Carlos. "Somos elos de uma mesma corrente", vem sustentando há semanas.

Esta tese está sendo apresentada tanto na sua carta pessoal quanto na defesa elaborada pelos advogados Cláudio Fruet e Carlos Caputo Bastos que compõem o memorial entregue por Arruda, nos últimos dias, a todos os senadores. Por isso, ele vinha dizendo até mesmo a assessores do gabinete que a renúncia estava fora de cogitação. Mas essa possibilidade começou a ser analisada há bastante tempo. Desde que preparou o discurso em que confessou a participação na violação do painel do Senado, alguns aliados defenderam que ele deveria se retirar de cena. Mas outros, a quem o senador deu razão, argumentaram que ele deve tentar até o último minuto.

Para um integrante do grupo de Arruda no PSDB do Distrito Federal, o senador perdeu a grande chance de sair do escândalo com uma imagem melhor. Se o discurso terminasse com a renúncia, avalia, Arruda estaria há tempos longe do foco da imprensa e do desgaste da solidão política. "Ele está perdendo o timing (tempo) para renunciar. Não há mais chance de manter o seu mandato e ele deveria começar a se preocupar com o seu futuro político", avalia o tucano. "Disse-lhe que ainda há tempo para ele se preparar para as próximas eleições e para isso ele tem de lutar pela sua elegibilidade", argumenta.

■ A oposição já definiu a estratégia que vai utilizar para aprovar a CPI da Corrupção: deixar a coleta de assinaturas em banho-maria. A idéia é esperar até que a situação dos senadores Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem partido-DF), acusados de violar o painel eletrônico do Senado, esteja solucionada. Hoje, a CPI da Corrupção já tem 22 assinaturas e mais três prometidas, mas que não serão ratificadas até que termine o processo de cassação no Conselho de Ética. A idéia é não dar ao senador Antônio Carlos, que tem três assinaturas, poder de barganha com o governo.



Manifestantes fazem lavagem simbólica na calçada em frente ao prédio onde mora ACM